

LAZER NOTURNO E JUVENTUDE: A DIALÉTICA ENTRE SEGURANÇA E RISCO

Thaiane Bonaldo do Nascimento¹
Elizara Carolina Marin²

RESUMO

As inovações no lazer vem o articulado dialeticamente à dinâmica do capital, contribuindo para manutenção de um frenético círculo de produção e acumulação de mercadorias. Destacamos o crescimento de estabelecimentos privados, voltados ao lazer noturno, capaz de agrupar um grande número de pessoas, com a promessa de divertimento. A busca pelo êxtase e pelos modismos sociais provoca adesão da juventude ao lazer privado, nem sempre atento às normas de segurança relacionadas à infraestrutura do espaço, tornando o lazer da juventude uma preocupação social e uma questão pública. A partir do exposto objetivamos investigar a segurança e risco que envolve o lazer em danceterias no contexto urbano, tendo como foco o incêndio na “Boate Kiss”. Para dar conta dos objetivos utilizamos como caminho a pesquisa documental, via análise dos produtos midiáticos, mais especificamente, da mídia impressa “Diário de Santa Maria”. A dolorosa experiência com o incêndio na boate Kiss, vem reforçar a ideia de que o investimento em cultura de prevenção de riscos deve ser imediato, porém realizado através de um trabalho coletivo e articulado, por meio de mudanças sociais, ações educativas, informativas, entre outras, que capacitem à juventude estar atenta as normas de segurança e que esta atenção seja constante.

PALAVRAS-CHAVE: lazer; juventude; risco.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista as mudanças estruturais, econômicas, culturais, políticas e tecnológicas que vem ocorrendo nas últimas décadas, o modo de pensar e vivenciar o tempo, os espaços e o lazer também se modificaram, por meio da intrínseca relação com os meios de produção e de consumo da sociedade capitalista. O lazer articulado dialeticamente a dinâmica do capital, contribui para a reprodução de suas estruturas.

1 Mestranda em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria (CEFD/UFSM).

2 Professora Adjunta do Departamento de Desportos Individuais (DDI) do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria (CEFD/UFSM).

Em tempos onde a globalização e o imediatismo das vontades ditam regras, o mercado e suas formas de publicidade vêm a ser um importante meio de difusão e de consumo das práticas de lazer. Como relata Mascarenhas (2005), o lazer anteriormente vinculado às necessidades de produção e reprodução da força de trabalho, passa a subordinar-se diretamente a produção e reprodução do capital, sucumbindo, de modo tendencial e dominante, à forma mercadoria.

Os teóricos envolvidos com as pesquisas sobre lazer procuram alternativas para qualificar a discussão sobre sua mercantilização, todavia, abre-se um enigma, à medida que as pessoas introjetam as relações mercantis como princípio orientador de interpretação e organização da vida, igual dinâmica faz com que elas aceitem o lazer mercadoria, como paradigma exclusivo (MASCARENHAS, 2005). E como destaca Marin (2009, p. 217), em um de seus estudos sobre a indústria do entretenimento na sociedade capitalista, “a racionalidade do processo de produção realiza investimento na criação de demandas, não somente por seu valor de uso, mas por meio do fomento ao desejo”.

As recorrentes inovações no lazer mantêm um frenético círculo de produção e acumulação de mercadoria, em especial na indústria do entretenimento, contribuindo para a associação do lazer a “equipamentos de lazer”, principalmente no contexto urbano com inúmeros investimentos em shopping centers, bares, danceterias, pacotes turísticos, e marketing para este consumo (Marin e Padilha, 2007). As propostas nesse setor, de acordo com Marguis (1997), variam os preços, arquiteturas e localização para atingir públicos de diversas condições socioeconômicas.

No que tange ao âmbito deste estudo, destacamos o crescimento de estabelecimentos privados voltados ao lazer noturno, capazes de agrupar grande número de pessoas com a promessa de divertimento. Especificamente as danceterias, transformaram-se vitrines integradas ao cenário urbano e sustentadas por uma arquitetura despojada, com vistas a atrair o público juvenil. A busca pelo êxtase e pelos modismos sociais provoca adesão da juventude ao lazer privado, nem sempre atento às normas de segurança relacionadas à infraestrutura do espaço, tornando-se uma preocupação social e uma questão pública.

A obsessão pela maximização dos lucros repercute por vezes em "desatenção" às normas de segurança acarretando em incêndios nas danceterias do Brasil e no mundo. Nos

últimos vinte e três (23) anos³, a (in) segurança dos espaços de lazer noturnos e privados, resultou, aproximadamente, em vinte (20) acidentes (noticiados) em danceterias envolvendo a juventude, dentre estes, dois (2) ocorreram no Brasil, resultando em vítimas fatais.

Nos Estados Unidos da América (EUA), em 1942, na boate Coconut Grove (Boston), e em 2003, na boate The Station (Rhode Island), incêndios provocaram, respectivamente, 492 e 100 vítimas fatais. Na Argentina, em 2004, na boate República Cromañón (Buenos Aires), um incêndio vitimou 194 pessoas e deixou outras 700 feridas. Na China, em 2000, a discoteca Dongdu Disco (Luoyang), o número de vítimas chegou a 309. No Brasil, em 2013, o incêndio na boate Kiss, na cidade de Santa Maria, Estado do Rio Grande do Sul (RS), vitimou 242 jovens.

Diante do exposto acenamos para a necessidade de reflexão e produção de conhecimento às relações dialéticas entre lazer e juventude urbana, sobretudo, se considerarmos a pouca ocorrência de pesquisas na temática, mais especificamente, sobre as relações com a segurança e o risco. Na “pesquisa da pesquisa⁴” realizada sobre a relação lazer e risco, raros foram os estudos sobre os espaços noturnos, tais como danceterias. Identificamos que na maioria das pesquisas a ênfase se dá em torno dos esportes de aventura (paraglider, vôo livre, automobilismo, eco-challende, b.a.s.e.jump, vela, dentre outros).

Para tratar das noções de risco e segurança no lazer da juventude em danceterias, tomamos como objeto de análise o incêndio na boate Kiss, ocorrido no município de Santa Maria/RS, reconhecida como cidade universitária, por congregar sete (7) instituições de ensino superior⁵, portanto, um contingente de aproximadamente 31.436 universitários. Esses

³ Os dados que seguem foram obtidos por meio dos seguintes endereços eletrônicos :
<http://diariosp.com.br/noticia/detalhe/42823/Relembre+incendios+em+boates+no+mundo;>
[http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/relembre-outros-incendios-que-causaram-tragedias-em-boates.html;](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/relembre-outros-incendios-que-causaram-tragedias-em-boates.html)
[http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/01/historico-infeliz-relembre-outros-incendios-tragicos-em-boates-4024452.html;](http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2013/01/historico-infeliz-relembre-outros-incendios-tragicos-em-boates-4024452.html)
<http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/?id=100000570433;>
Acesso em: 23 de jun de 2013, 15h.

⁴ Ver: BONIN, Jiani Adriana. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: MALDONADO, Alberto Efendy; GUTERRES, Aline (orgs.). **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, Trilhas e Processo**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 21-40.

⁵ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Faculdade Metodista de Santa Maria (FAMES), Faculdade Integrada de Santa Maria (FISMA), Faculdade Palotina de Santa Maria (FAPAS) e Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA).

jovens tanto movimentam as festas noturnas na cidade, pois, como destaca Ferreira (2007, p.11), “a ‘fabricação’ da noite é hoje uma marca clara da cultura juvenil”, como promovem festas desde o princípio do curso em busca de recursos para o tão sonhado ritual de formatura. Neste contexto, a lógica mercadológica reconheceu e adotou o ritual de formatura no ensino superior e seus envolvidos num grande filão de aliados.

O risco no lazer ultrapassa as fronteiras escolares, estando imbricado também ao ensino superior. No contexto da cidade de Santa Maria, as turmas em processo de formação tornaram-se promouers das festas nas danceterias, criando identidade, nomenclatura, como estratégia de marketing e, conseqüentemente, selecionando o público frequentador. Na noite do incêndio na boate Kiss, a festa nomeada de “Agromerados”, foi promovida por seis turmas, de diferentes cursos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

A partir do exposto objetivamos investigar a segurança e risco que envolve o lazer em danceterias no contexto urbano, tendo como foco o incêndio na “boate Kiss”.

PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para dar conta dos objetivos utilizamos como caminho a pesquisa documental, via análise dos produtos midiáticos, mais especificamente, da mídia impressa “Diário de Santa Maria”. De acordo com Cellard (2010), os documentos são testemunhos do passado, podendo ser textos escritos, iconográficos, cinematográficos, ou qualquer outro tipo de registro, tendo em vista os limites da memória.

A adoção da mídia impressa jornal se dá pela periodicidade e por tratar de eventos noticiados, especificamente, o “Diário de Santa Maria”, por ser produzido no município de Santa Maria/RS e disponibilizar as matérias com sistema *online*. Inicialmente, procuramos entender a organização do acervo do jornal e a catalogação, pois cada redação editorial apresenta maneiras diversas de dispor e apresentar os fatos noticiosos.

Para compreender com mais profundidade o conteúdo dos documentos, utilizamos como procedimento a análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977, p.36)

é um conjunto de técnicas de apreciação de comunicação “visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção-recepção destas mensagens”.

A análise de conteúdo para além do aparente manifestado nas mensagens preconiza abranger as entre linhas, o ausente e o contexto da produção. Procuramos evitar a produção textual de cunho emocional, sensacionalista e idealizada presente nas matérias, exigindo um esforço dialético em busca das objetivações/decodificação das mensagens.

O levantamento das matérias jornalísticas foi realizado nos meses de outubro e dezembro de 2013, correspondendo a 11 meses de produção midiática, ou seja, 264 impressos (o jornal veicula 6 edições por semana). Observamos que o jornal destinou na maioria de suas edições uma seção exclusiva para o caso do incêndio da boate Kiss, congregando um número significativo de matérias.

Posterior à leitura das matérias jornalísticas sobre o tema selecionamos as que versavam sobre as categorias em análise, ou seja, risco e segurança. De um total de mil duzentas e quarenta e três matérias (1.243), duzentas e oitenta e duas (282) foram analisadas e divididas em categorias e em subcategorias. A categoria Risco, foco do presente estudo, abarcou cento e doze (112) matérias subdivididas em: “Improbidade Administrativa”, “Artefatos pirotécnicos”, “Gás Tóxico”. A subdivisão das categorias foi necessária para realizar a análise e interpretação aprofundada e coerente dos dados.

JUVENTUDE, LAZER NOTURNO – SEGURANÇA E RISCO

Neste estudo lançamos mão fundamentalmente de Groppo (2004), Dayrell (2007) e Abramo (2007), para o debate sobre juventude. As discussões sobre a mesma vêm ganhando espaço no cenário acadêmico, no entanto, não há consenso sobre sua compreensão, pois se relacionam condicionantes sociais, históricos e culturais. Nessa direção, sugerem Groppo (2004) e Dayrell (2007), não há como falar de juventude, mas de juventudes.

Segundo Abramo (2007), a maioria dos estudos sobre juventude relaciona-se à discriminação social e à formação profissional. Dayrell (2007) também destaca, a ênfase sobre a visão de transitoriedade de um ‘vir a ser’, tendo no futuro, o sentido das ações do presente, dificultando considerar o jovem efetivamente como sujeito.

À luz das interpretações de Groppo (2004, p.11), “a juventude não é tão somente da ordem da ‘natureza’, mas principalmente da ordem do ‘social’ e, portanto, uma criação histórica, não um invariante universal”. Entendemos assim como o autor que a mesma não é apenas uma mera mistificação ideológica, mas configura-se por meio de uma relação dialética

entre sociedade versus indivíduos, onde as concepções, escolhas e atitudes são mediadas pelo concreto social.

No que tange a categoria risco, autores como Giddens (2007), Spink (2001b, 2002a, 2002b, 2004)⁶, Armani (2012) e Pontes (2011), entendem que o mesmo emergiu como conceito nas sociedades orientadas para o futuro e passíveis de controle. Segundo Spink, Medrado e Mello (2002b), a noção moderna de risco surge no século XVII com os jogos de azar; no século XVIII com o seguro marítimo; e no século XIX com a economia.

Destarte, o risco e a sua compreensão não é um fenômeno que se movimenta por si, antes relaciona-se com o contexto histórico e social. Podemos dizer, de acordo com Spink (2002a), há momentos que correr riscos passa a ser comportamento negativo e outros em que a positividade do risco pode encontrar afirmação nas práticas sociais. Do mesmo modo, os mesmos mecanismos que visam a previsibilidade e segurança (tais como ciência e tecnologia), adverte Giddens (2007) e Bech (2011), criam efeitos devastadores, por vezes mais ameaçadores do que os propiciados pela natureza.

No cotidiano, o temido risco, conduz à perseguição da segurança fazendo emergir uma rede de produtos e investimentos, tais como: alarmes, câmeras de vigilância, cercas elétricas, empresas de vigilância, seguradoras, entre outros. Como ressalta Spink (2002b, p. 151), “o risco é, talvez, inerente à vida: viver, diz o ditado, é um risco. Entretanto, o sentido que lhe é dado está implicitamente vinculado ao contexto histórico em que os vários riscos se concretizam”. A ênfase da noção de risco neste estudo está aliada ao “risco fabricado” (GIDDENS, 2007), ou como denomina Bech (2011), risco “autofabricável” pelo ser humano.

No que tange aos estudos sobre a relação entre lazer e risco, em sua maioria, Pimentel (2010), Rocha (2008), Silva, *et al* (2013) e Spink, *et al* (2004), retratam sobre as práticas na natureza. A pesquisa de Pimentel (2010), por exemplo, aponta que no Vôo Livre o risco é ofertado como seguro, prático e divertido. Em tese, os praticantes deste, entre outros esportes de aventura, estão cientes dos riscos ou da probabilidade de perigo. Os estudos supracitados evidenciam a segurança como parte intrínseca da organização e da vivência nos esportes e práticas de aventura.

⁶ Uma mediação aqui necessita ser realizada. Recorremos aos pressupostos de Giddens (2007) e Spink (2002), cientes da matriz conceitual utilizada e por consequência, da compreensão de riscos como próprio da modernidade reflexiva/sociedade de risco.

Chamamos atenção aqui, pois se estabelece diferença singular com o objeto desta pesquisa, ou seja, o lazer em danceterias, já que os frequentadores não costumam levar em conta os fatores de risco. As normas de segurança estabelecidas pela legislação são em geral de obrigação e conhecimento dos proponentes e não dos usuários.

A realidade supracitada demonstra que a tomada de consciência sobre os riscos é fundamental em uma sociedade permeada pelos mesmos nas diversas esferas. No que refere, aos setores privados de lazer noturno, inundados pelo marketing, é necessário estarmos atentos por traz das fachadas estéticas. E como sustenta Bech (2011, p. 89), “o mundo das coisas visíveis precisa ser questionado, relativizado e avaliado em termos de uma realidade presumida, mas também de uma segunda realidade oculta”.

Tratar do termo risco no lazer da juventude demanda questionar sobre o sentido que estes atores sociais atribuem a ele nos espaços de lazer, como ressalta Pontes (2011, p. 9), a “juventude foi um dos muitos objetos que se tornou ponderada a partir do conceito de risco”.

LAZER E IRREGULARIDADE ADMINISTRATIVA: UMA RELAÇÃO DE RISCO

A boate KISS, em 2013, era uma das danceterias mais requisitadas da cidade de Santa Maria, atenta às novidades do mercado em busca de atrair o público frequentador e aceitava bandas que utilizavam no seu *show* pirotecnia, ponto alto para explosão de emoções e êxtase. Todavia a arquitetura do espaço era repleta de irregularidades.

Reformas realizadas na danceteria, com vistas a inovar a arquitetura deixaram uma única saída de ar, a porta de entrada/saída, obstruindo os exaustores e contrariando as normas de segurança legalmente estabelecidas. Torna-se, assim, explícito a prioridade dada pela danceteria a estética e ao aumento da lucratividade, invés da segurança dos frequentadores, consoante à acepção de Mascarenhas (2005, p. 88), por meio da moda, “entra em cena a inovação estética da mercadoria, que é justamente a beleza que se desenvolve a serviço do domínio sobre as pessoas a ser exercido pela aparência involucral das mercadorias”.

Para manter a arquitetura despojada, organizar a entrada dos frequentadores e a retirada de comandas, a danceteria instalou barras de ferro, frente a única porta, e como relatado por entrevistados nas matérias analisadas, formando um “verdadeiro labirinto”, resultando em que a garantia de evacuação do local em um curto período de tempo, real funcionalidade da única porta, fosse colocada em risco. Na matéria do dia 18-03-2013,

intitulada “A saída foi difícil”, os depoimentos dos sobreviventes explicitam que as barras de ferro contribuíram para que a evacuação do local não ocorresse de forma adequada,

[...] só tinham como escape uma (e inadequada) porta de saída e tiveram de enfrentar, no caminho, uma barra de ferro (também inadequada) [...]

A porta dificultou que as pessoas saíssem e contribuiu para as mortes que aconteceram lá dentro. Mas a barra principal em frente à porta de saída da boate foi decisiva porque represou as pessoas.

Presume-se que os responsáveis pelos projetos de construção, arquitetura e reforma de uma danceteria os executem com base nas normas de segurança, o que não se concretizou nas reformas da boate Kiss. Se os profissionais que deveriam atender as normas de segurança as negligenciam, parece menos provável os jovens sem o conhecimento legal estar atentos. E, como aponta Armani (2012, p.370), “o risco é instantâneo, duração descompassada, compreensão da experiência, (...) momento que envolve o não-saber-o-que-acontecerá no seguinte instante”. Assim, bastou um instante para todas as irregularidades da danceteria virem à tona, repercutindo mundialmente.

A inconformidade dos extintores de incêndio às normas de segurança veio a ser fundamental para o desencadeamento do incidente na boate Kiss. As matérias analisadas apontaram que dos cinco extintores da danceteria apenas três estavam apropriados para uso, demonstrando o descaso da mesma em conferir com frequência a validade de seus equipamentos de segurança. Tais observações permitem um contraponto com os esportes de aventura, pois, Pimentel (2010) e Spink (2002) afirmam, que nessas atividades a atenção às normas de segurança, aos equipamentos e suas funcionalidades são fundamentais, o que não tomou a mesma proporção ou preocupação na boate Kiss.

O desconhecimento ou descaso da juventude em relação aos equipamentos de segurança foi tratado por uma das matérias analisadas, a qual relata sobre jovens universitários retirados da boate Kiss em festas anteriores por estarem manuseando os extintores de incêndio. A violação das normas de segurança atinge o coletivo que está em determinado espaço, uma vez que os riscos não são limitados ao plano individual, e como abarca Beck (2011, p. 53), “a potencialização dos riscos faz com que a sociedade global se reduza a comunidade de perigos”.

Imersos na ilusão da suprema segurança construída pela sociedade de consumo, a juventude raramente costuma estar atenta a validade, localização ou mesmo existência dos

extintores de incêndio nas danceterias, pois a busca por novas experiências, o encantamento pela infraestrutura estão em primeiro plano ao observar os espaços que irão frequentar. Como explicita Groppo (2004), ao transcrever a história da juventude, devido à necessidade da experiência, a condição juvenil tende a valorizar as vivências do imediato, da espontaneidade e a possibilidade de sua autonomia.

É inegável que as condições da sociedade capitalista, que precariza os espaços públicos, contribui para as festas, mais especificamente privadas, consolidem-se como espaço de reunião, logo, a juventude vem associando “festa divertida” como sinônimo de “festa lotada”. Como expõem Mascarenhas (2005, p.30), “hodiornamente, a ‘qualidade’ de nossas festas vem sendo medida por números”, os quais conferem sua certificação de excelência. Ao que tange a capacidade de lotação das danceterias, a legislação brasileira estabelece o número de frequentadores que cada estabelecimento pode comportar, a fim de diminuir a probabilidade de riscos.

Por meio das matérias jornalísticas, constatou-se que a boate Kiss estava superlotada na noite do incêndio, fato recorrente, uma vez que os proprietários permitiam a entrada de frequentadores mesmo ultrapassando o número estipulado como limite de sua capacidade de lotação (691⁷ pessoas). Encontra-se expresso na entrevista de uma ex-funcionária da danceteria, concedida ao jornal Diário de Santa Maria,

Quando passava de 900, mil pessoas, (os gerentes) aumentavam o ingresso na hora, mas continuava entrando gente. Nunca vi mandarem parar de entrar pessoas” (DSM, Geral, “Sem limite de público”, p. 8 e 9, 06-09-13).

No momento em que danceterias não cumprem o ordenamento jurídico brasileiro, e a superlotação torna-se fato recorrente nestes espaços, contribui-se para vincular a visão da juventude sobre o lazer noturno a festas superlotadas, permitindo que o modo de produção capitalista se aproprie de tal irregularidade em benefício próprio. Pois, o consumo de determinados produtos e atitudes indicados pela sociedade de consumo, “vem determinando a maneira mais legítima de vivenciar o que seria juventude” (GROPPO, 2011, p. 13).

Para além da superlotação, é imprescindível pautarmos que o consumo de bebidas alcoólicas em danceterias também é entendido pela juventude como fundamental para atingir

⁷ Dado retirado da matéria do Diário de Santa Maria intitulada “Mais de mil passaram pela Kiss”, e publicado no dia 12-03-2013, no caderno Geral, página 8 e 9.

o êxtase do lazer, fator abarcado por diversas pesquisas brasileiras e internacionais. Para Brunelli, Romera e Marcellino (2013, p.2), “a juventude é considerada como uma das fases da vida na qual a experimentação e uso de substâncias tem maior probabilidade de ocorrer”.

Sendo as bebidas alcoólicas um mercado rentável, é visível o investimento dos empresários em *marketing* para instigar o seu consumo. Nessa direção, outra irregularidade vivenciada na boate Kiss vinha a ser consumo de bebidas alcoólicas por menores de idade. Porém o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) proíbe a entrada de menores de idade danceterias e o consumo de bebidas alcoólicas pelos mesmos, o que comprova o desajuste da danceteria as normas legais.

Brunelli, Romera e Marcellino (2013, p. 3) contribuem para elucidar, que a sociedade vem demonstrando maior preocupação com o consumo de drogas ilícitas e uma maior tolerância ao consumo de drogas lícitas, como as bebidas alcoólicas, assim “o álcool, além de estar rotulado como droga legalmente permitida, tem também a permissividade social, legitimada e fortalecida pela mídia, tornando seu uso banal”.

É explícito que a visão da juventude sobre os riscos em danceterias vem a ser precária e a confiabilidade no gerenciamento das normas de segurança integral. Nessa direção, há necessidade de estabelecer uma cultura de segurança nos estabelecimentos de lazer noturno. Porém, como aborda Beck (2011, p. 58), “as ameaças intensificam-se, mas elas não se convertem politicamente num conjunto de medidas preventivas de superação de risco”.

ARTEFATOS PIROTÉCNICOS: DO ÊXTASE AO RISCO

A busca constante por inovações faz com que a arquitetura, o marketing e tecnologias, sejam investimentos recorrentes nas danceterias e um trunfo para ofertar o prazer tão procurado, aumentando o número de frequentadores e o lucro. Como sustenta Mascarenhas (2005, p. 88),

[...] sob o império da estética reificada, o conhecimento sensível e a beleza agregam-se às mercadorias servindo à pura realização de seu valor de troca, buscando estimular no consumidor o desejo de posse e motivá-lo à compra.

As bandas e os “Djs” também lançam mãos de tecnologias como artefatos pirotécnicos, variados shows de luzes e de sons, pois esses equipamentos são vistos como atrativos na escolha dos espaços de lazer noturno que a juventude vem a frequentar, sendo um

caminho para arraigar a adesão dos mesmos. Segundo Mascarenhas (2005, p. 89), “as mercadorias são criadas na produção capitalista à imagem e semelhança da ansiedade dos consumidores”.

As matérias do Diário de Santa Maria retratam que a utilização de artefatos pirotécnicos pela banda que fazia show na noite do incêndio na boate Kiss, era rotineira na noite santa-mariense. Porém, segundo o depoimento do vocalista da banda, os mesmos só eram utilizados com o consentimento, estabelecido por contrato, com os proprietários das danceterias.

A legislação do estado do RS e do município de Santa Maria não estabelecia claramente, até o dia do incêndio na boate Kiss, a proibição da utilização de artefatos pirotécnicos em danceterias. Porém, ao optar pela utilização da pirotecnia presume-se que os proprietários dos estabelecimentos assumam os possíveis riscos.

Após o incidente foram elaborados projetos de leis por meio dos anseios e necessidades da sociedade, dentre eles:

Projeto de Lei Nº 4.923, de 2013 Dispõem sobre as obrigações que devem ser observadas por proprietários, administradores e responsáveis por boates, casas de shows, bares, restaurantes e estabelecimentos congêneres, que funcionem em locais fechados estabelecendo maior rigor para a liberação de seus alvarás de funcionamento.

Projeto de Lei Nº 4.924, de 2013 Dispõe sobre segurança em casas noturnas;

Projeto de Lei Nº 4.949 de 2013 Estabelece normas de prevenção e proteção contra incêndios boates e casas de shows e outras providências;

Projeto de Lei Nº 4.952 de 2013 Dispõe sobre a obrigatoriedade de equipe de primeiros socorros e define as normas de segurança em Casas de Espetáculos.

Todos os projetos apresentam um artigo ou parágrafo único que estabelecem a proibição de artefatos pirotécnicos em estabelecimentos que funcionem em locais fechados, argumentando que a falta de medidas de segurança na boate Kiss é apontada como o fator decisivo para as proporções tomadas pelo incidente. Como ressalta Spink (2002a), à medida que a confiança na capacidade de gerenciar riscos começa a desaparecer, tendo em vista a complexidade dos mesmos, a fatalidade assume novos contornos, especialmente dos riscos decorrentes das novas tecnologias.

A necessidade da juventude em chegar ao êxtase do lazer por meio de inovações tecnológicas está acima do questionamento da confiabilidade dos produtos que o promovem,

submetendo-se ao que os proprietários das danceterias entendem como seguro. Beck (2011) e Spink (2004) ressaltam, a sociedade do risco é também a sociedade da tecnologia, da mídia, da ciência, porém a tecnologia não é considerada suficiente para garantir a segurança.

Para prosseguirmos a discussão e apontar o quão fundamental foi a utilização de artefatos pirotécnicos no desenrolar do incêndio, é necessário descrever sobre o isolamento acústico da Boate Kiss.

A boate Kiss se localizava no centro da cidade de Santa Maria rodeada por prédios residenciais. Reclamações dos vizinhos sobre os ruídos nas noites de festas eram recorrentes, logo os proprietários agregaram ao isolamento acústico uma espuma para sanar o problema. Os próprios funcionários realizaram a fixação da espuma, sem possuir conhecimento técnico para tal e, relataram não ter ocorrido a inspeção ou instrução de engenheiros. No momento em que os proprietários não recorreram a profissionais adequados para realizar procedimentos na infraestrutura e arquitetura do espaço, os riscos proporcionados aos frequentadores tornaram-se reais.

As informações sobre a instalação da espuma nas dependências da danceteria foram negligenciadas ao poder público. Em entrevista ao Diário de Santa Maria, o delegado responsável pelo caso explicita que a espuma era vetada pela legislação⁸ do município e, não estava protegida por um produto químico utilizado para retardar a combustão e a propagação do fogo.

Um químico afirmou ao jornal, que somente leigos usariam tal espuma, tendo em vista sua periculosidade na temperatura de combustão (900 °C). Embora possa parecer impossível que o uso de um simples artefato pirotécnico provocaria a combustão da espuma de isolamento acústico, uma das matérias explica que após acionados no tempo de cinco segundos, os mesmos soltam um jato de fogo que pode chegar a 1300 °C.

A união entre revestimento acústico e artefatos pirotécnicos inadequados resultou na combustão da espuma de isolamento acústico e, conseqüentemente, na liberação de gases

⁸ Lei municipal de Santa Maria Nº 3301/91, de 22-01-1991, que Disposições sobre normas de prevenção e proteção contra incêndio:

Art. 17 - É vedado o emprego de material de fácil combustão e/ou que desprenda gases tóxicos em caso de incêndio, em divisórias, revestimento e acabamentos seguintes:

I – estabelecimentos de reunião de público, cinemas, teatros, boates e assemelhados;

tóxicos⁹, os quais são apontados como os grandes causadores das mortes no incêndio. Revivendo incêndios mundiais desencadeados por circunstâncias semelhantes e, demonstrando que a negligência as normas de segurança é impactante nos mais diversos países, no decorrer de décadas. Torna-se visível que muitos proprietários de danceterias não tomam como relevante as fatalidades ocorridas para prevenir que o mesmo voltasse a ocorrer.

As legislações são estratégias de governabilidade para organização da sociedade, garantindo a igualdade de direitos e de segurança aos indivíduos. Tendo em vista que a mesma não foi suficiente para a espuma não ser integrada ao isolamento acústico da danceteria, nos questionamos sobre quais outras estratégias os governos lançam mão a fim de garantir a segurança dos espaços de lazer da juventude?

Consoante a Spink (2002b), Pontes (2011) e Guiddens (2007, p.43), compreendemos que o risco está vinculado a estratégias de poder, e “com o desenvolvimento dos riscos fabricados os governos não podem fingir que esse tipo de administração não lhes compete”. Pressupondo que os proprietários cumpram a legislação e a fiscalização se concretize, a juventude não tem como estar atenta a adequação do isolamento acústico da danceteria, pois as informações técnicas sobre o mesmo não são de conhecimento dos indivíduos em geral.

Com isso, percebe-se muitas vezes que o cumprimento das normas de segurança por parte dos investidores se esvanecem em detrimento da principal preocupação: o lucro. É fundamental nos questionarmos se a educação recebida pela juventude entende como relevante estar atento às normas de segurança dos espaços de lazer o qual frequentam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Empreendemos esforços para compreender as relações entre segurança, risco e juventude na vivência do lazer em danceterias, tendo em vista ser este um tema que necessita amplas discussões. Vale destacar, que a mídia impressa Diário de Santa Maria lançou mão de um espaço significativo às discussões sobre o incêndio na boate Kiss pontuando a importância de debater o tema nos diferentes âmbitos da sociedade.

A partir da análise das matérias podemos identificar aspectos que envolvem o lazer da juventude, sendo estes acrescidos de infrações referentes à legislação, otimização dos lucros e

⁹A combustão da espuma de isolamento acústico resulta na liberação de gases tóxicos como monóxido de carbono e cianeto, os quais em um curto período de tempo podem acarretar na morte.

desrespeito ao lazer que está sendo consumido. A juventude vem se apropriando do lazer articulado à lógica do sistema capitalista, compreendendo-o como sinônimo de liberdade, convertendo o tempo e o espaço de lazer em tempo e espaço de consumo, sem ter plena consciência dos riscos aos quais estão submetidos.

Nessa direção, os mesmos artifícios tecnológicos utilizados para conduzir o consumo do lazer noturno foram os responsáveis pelo desencadeamento do incêndio na boate Kiss, demonstrando que a tecnologia quando utilizada de maneira errônea pode atrelar o lazer muito mais a aspectos que configuram riscos do que segurança. Tal realidade enfatiza a necessidade de aprimorar a visão sobre segurança e a apropriação de normas que a conferem em estabelecimentos com agrupamento de pessoas.

O caminho a ser percorrido em detrimento da cultura de segurança e conscientização da juventude sobre a sua necessidade ainda é longo e árduo. A dolorosa experiência com o incêndio na boate Kiss vem a ensinar que o investimento em uma cultura de prevenção deve ser imediato, porém realizado através de um trabalho coletivo e articulado por meio de mudanças sociais, ações educativas, informativas, entre outras, que capacitem a juventude a estar atenta às normas de segurança e que esta atenção seja constante.

No que tange a concepção de segurança formulada pelos proprietários de danceterias, esta deve ter como base o bem estar de seus consumidores, procurando atender as exigências legais e profissionais adequadas para os serviços a serem prestados em seus estabelecimentos, de modo que incêndios em danceterias não voltem a ocorrer.

Cabe frisar que, especificamente, as relações de segurança e risco no lazer noturno da juventude universitária de Santa Maria estão intrinsicamente relacionadas ao processo de educação superior, o que demanda uma nova política para as formaturas na UFSM e conseqüentemente para vivência do lazer noturno. Anteriormente ao incêndio na boate Kiss, angariar lucros a formatura por meio de fatores de risco, a exemplo da superlotação, era frequente, Bech (2011, p.7) argumenta, que tal realidade se dá, pois, “a produção de riscos e sua interpretação equivocada têm, portanto, seu primeiro fundamento numa ‘miopia econômica’”, seu olhar está dirigido às vantagens produtivas.

É fundamental ressaltarmos que nosso trabalho não procurou julgar o ocorrido no incêndio na boate Kiss ou mesmo apontar culpados, mas ressaltar o quão essencial é as



danceterias cumprirem as normas de segurança, assim como os frequentadores desses espaços buscar conhecer e manterem-se atentos ao cumprimento das mesmas. Temos consciência de que não sanamos a temática, mas realizamos um pontapé inicial a fim de demonstrar a fragilidade e insegurança em que nossos espaços de lazer estão submetidos.

ABSTRACT

We aimed to investigate the safety and risk involving leisure in nightclubs in the urban context, focusing on the fire in the "Kiss Nightclub". To achieve the goals we will use as a way the documental research, through analysis of media products, more specifically, the print media "Diário de Santa Maria". The painful experience with the fire at the nightclub Kiss, reinforces the idea that investment in prevention should be immediate, however accomplished through a collective and coordinated work, through social changes, educational actions, informative actions, among others, that empower the youth to be attentive to safety standards and that this attention is constant.

KEYWORDS: *leisure; youth; risk.*

RESUMEN

Objetivamos investigar la seguridad y riesgos que envuelve el ocio en las discotecas en el contexto urbano, teniendo en foco el incendio en la "Boate Kiss". Para alcanzar los objetivos utilizamos como camino la pesquisa documental, vía análisis de los productos mediáticos, mas específicamente, del medio de comunicación impreso "Diário de Santa Maria". La dolorosa experiencia con el incendio de la "Boate Kiss", viene a reforzar la idea de que la inversión en cultura de prevención debe ser inmediato, realizado a través de un trabajo articulado, por medio de mudanzas sociales, acciones educativas, informativas, entre otras, que capaciten a la juventud a estar atenta a las normas de seguridad y que esta atención sea constante.

PALABRAS CLAVES: *ócio; juventud; riesgos;*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Juventude e Contemporaneidade*. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284p.– (Coleção Educação para Todos;16).

ARMANI, C. H. A história e a temporalidade do risco. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo, UNISINOS, v. 4, n. 8, p. 369-383, dez 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECK, U. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. Tradução: Sebastião Nascimento. 2ªed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BRUNELLI, R. T.; ROMERA, L. A.; MARCELLINO, N. C. Lazer, Juventude e Álcool: uma análise das promoções e eventos dirigidos ao público jovem. *Licere*, Belo Horizonte, v.16, n.2, p. 1-18, jun 2013.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al (Org.). *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Rio de Janeiro: Vozes, p.295-316, 2008.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. In: FÁVERO, O. et all. (org). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284p.– (Coleção Educação para Todos;16).

FRANCO, M. L.P.B. *Análise de Conteúdo*. 2ªed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

FERREIRA, P. M. *Ir para a noite — Cultura noturna e identidade juvenil*. Anais VII RAM - UFRGS, Porto Alegre, Brasil, 2007 - GT 25 Ciudadanía, exclusión y diversidad sociocultural: niños y jóvenes en contextos de socialización. Coordenação: Graciela Batallán (UBA, Argentina) e Ana Gomes (UFMG, Brasil).

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação Cogeime*, ano 13, nº 25, p. 9-22, dez 2004.

_____ *Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes*. Última Década Nº33, Cidpa Valparaíso, p. 11-26, diciembre 2010.

GUIDDENS, A. *Mundo em Descontrole o que a globalização está fazendo em nós*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARGUIS, Mario. *La cultura de la noche*. Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales, 1997. Disponível em: <http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/Margulis.pdf>. Acesso em: 19 de jun de 2013.

MARIN, E. C. O ofício da pesquisa: processos do fazer. In: MALDONADO, A. E.; GUTERRES, A. (org.). *Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, Trilhas e Processo*. Porto Alegre: Sulina, p. 65-90, 2006b.

_____ *Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta*. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 211-231, abr/jun 2009.



MARIN, E. C.; PADILHA, V.. Lazer e consumo no espaço urbano. In: ALMEIDA, C. P. C.; LAMARTINE P. C.-(org.). *Meio Ambiente, Esporte, Lazer e Turismo: Estudos e Pesquisas no Brasil 1967– 2007*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 400 f., 2007.

MASCARENHAS, F. *Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer*. 2005. 305 f.. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2005.

PIMENTEL, G. G. A. Percepção dos riscos, condicionamento corporal e interações sociais no voo livre. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 31, n. 2, p. 45-59, jan 2010.

PONTES, A. K. *Juventude e Risco: problematizando o sentido construído por esta relação*. 2011. 88 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Departamento de Psicologia, UFC, Fortaleza, 2011.

ROCHA, V. M. B.A.S.E. JUMP, risco e emoção: uma experiência para dar sentido a vida. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 8, p. 1- 30, mar/jun 2008.

SILVA, P. P. C. Sentido e significado: o prazer do risco nos velejadores. *Revista Brasileira Atividade Física e Saúde*, Pelotas, v.18, n. 1, p. 75-85, jan 2013.

SPINK, M. J. Suor, Arranhões e Diamantes: as contradições do risco na Modernidade Reflexiva. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/projetos/esterisco/index.htm>, Acesso em: 23/05/2013.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B.; MELLO, R. P.. Perigo, Probabilidade e Oportunidade: A Linguagem dos Riscos na Mídia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 151-164, 2002b.

SPINK, M. J., et al. Onde está o Risco? Os Seguros no Contexto do Turismo de Aventura. *Piscicologia & Sociedade*; Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 81-89, maio/ago 2004.